



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 714-733, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA NOVA CHANCE DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DE SINOP¹

Elaine Marcilio

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo tem por finalidade compreender o contexto educacional da Escola Nova chance anexada dentro do Sistema Penitenciário “Ferrugem” de Sinop. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, através de entrevistas realizadas com professores, orientadora pedagógica, coordenadora pedagógica da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos e alunos/reeducandos. Buscou-se analisar de que forma ocorrem as práticas pedagógicas docentes, como também os maiores desafios e as perspectivas dos alunos presos acerca do ensino. Como aporte teórico utilizou-se os autores Paulo Freire, Helenice, Joviano Roque Faria e Helenice Maria Cammarosano Onofre. Os resultados apontam que a educação oferecida dentro do sistema penitenciário Ferrugem vem trazendo mudanças psicológicas e de comportamento, além de promover reflexão e criticidade aos reeducandos.

Palavras-chave: Educação. Sistema Penitenciário. Educação de Jovens e Adultos. Reeducando.

1 INTRODUÇÃO

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP**, sob a orientação do Professor Dr. Odimar João Peripolli, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/1.

No contexto brasileiro é comum observar, nos principais meios de comunicação, reportagens que noticiam fugas e diversas barbáries que acontecem dentro das penitenciárias. Acresça-se aos relatos jornalísticos as condições precárias da estrutura dos presídios. Nesse ambiente agressivo supõe-se ser contraditória a presença de uma instituição que visa à instrução e a formação cidadã, como parece ser o caso da escola. Contudo, o Art.205 da Constituição Federal de 1988 estabelece que “educação é um direito de todos”, incluindo, assim, a população carcerária.

Nesse caminho o Governo do Estado de Mato Grosso, em parceria com algumas secretarias, instauraram a Escola Nova Chance que visa a oferta da Alfabetização, Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O presente artigo foi construído com o intuito de analisar de que forma ocorrem as práticas pedagógicas docente dentro da Escola Nova Chance situada no sistema Penitenciário de Sinop “Ferrugem”. Buscou-se verificar os maiores desafios e quais as perspectivas dos alunos/reeducandos acerca do ensino. Entendemos que a educação oferecida pela Escola Nova chance para os reeducandos do sistema prisional Ferrugem tem de proporcionar interação, reflexão e criticidade, além de reeducá-los, ressocializá-los para a sociedade, a fim de terem outra visão de mundo.

2 SISTEMA PENITENCIÁRIO DE SINOP DOUTOR OSVALDO FLORENTINO LEITE FERREIRA “FERRUGEM”

A penitenciária Dr. Osvaldo Florentino Leite Ferreira “Ferrugem” foi fundada na cidade de Sinop/MT no ano de 2006. No ano da sua fundação, a estrutura do então presídio foi planejada para comportar 326 reeducados.

No entanto, atualmente abriga 890 presidiários, o que indica uma superlotação. As celas são divididas em 5 raios: amarelo, azul, verde, vermelho e laranja. A divisão por cores indica a periculosidade dos detentos (grau de agressividade) determinada por meio da gravidade dos crimes cometidos pelos infratores.

Anexada às alas, há um posto de saúde com profissionais da área da saúde médicos (clínico geral), enfermeiros, farmacêuticos, dentistas, psicóloga, nutricionista e assistente social. Na área externa, os reeducando tem a oportunidade de fazer trabalhos manuais, como artesanatos. No mesmo local há uma quadra poliesportiva destinada aos detentos para prática de esportes nos momentos em que se encontram fora da cela. Há, também, um espaço para a socialização/interação entre os detentos e para receber os familiares nos dias de visita.

Para alguns detentos são atribuídas tarefas como: manter o pátio limpo, cuidar da limpeza dos corredores e ambientes destinados aos funcionários da penitenciária, cuidar da horta, descarregar os caminhões de entrega de mantimentos, entre outros. Outros reeducando prestam serviços para a prefeitura, entre eles: roçar e capinar, além de outras tarefas de limpeza na cidade, nesse caso, é disponibilizado um ônibus para transportá-los até o local.

Salientamos que os trabalhadores prisioneiros que prestam serviços fora da penitenciária recebem salário fixo e tem a carteira de trabalho assinada, assim, as remunerações são depositadas na conta bancária do reeducando.

No espaço prisional acima apresentado também há a presença da instituição Escola Nova Chance. Dessa forma, a modalidade de ensino ofertada pela instituição é a EJA, assim, apresentaremos a seguir algumas características e marcos histórico do referido seguimento serão abordados no tópico a seguir.

2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino ofertada pela rede pública destinada a pessoas que não tiveram oportunidade de estudar no período dito “apropriado”. No decorrer dos anos, a EJA vem conquistando espaço sendo, assim, reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996 – Lei nº 9394, art. 37, § 1º como modalidade específica da Educação Básica. Acerca do público alvo, Freita e Roque-Faria (2014, p. 274) refletem que:

[...] a EJA em sua complexidade e heterogeneidade vem marcada por um *continuum* de luta e desafios. Nela, os participantes adolescentes, jovens e adultos e idosos pertencem a diferentes classes sociais. E embora tantas

dificuldades este é lugar enunciado de aquisição de conhecimento para a democracia e a cidadania.

Nesta direção, a proposta educacional da EJA busca oferecer subsídios para que os alunos jovens e adultos que, muitas vezes estão à margem da sociedade, possam atuar como cidadãos e construam qualificação que atenda as exigências da sociedade contemporânea. Para tanto, as Orientações Curriculares (OCs) orientam que os docentes valorizem os conhecimentos que os sujeitos levam consigo para a sala de aula, pois:

Na EJA a preocupação não é apenas com a trajetória escolar, mas principalmente com trajetórias pessoais e humanas: como homens, mulheres, indígenas, negros e negras, trabalhadores que vivem experiências humanas em todos os espaços da vida social e como interferir para que possam ter consciência da construção social que realizam e da perspectiva cidadã a que têm direito (MATO GROSSO, 2010, p. 171).

A partir do excerto acima, consideramos que as práticas pedagógicas situadas na EJA necessitam ser contextualizadas com a realidade do aluno além de estimular o diálogo e a participação. Sobre esse contexto, o teórico Paulo Freire (2011, p. 16) afirma que:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdo a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos –, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular.

Tendo em vista as propostas educacionais que prevê a oferta de um ensino qualitativo e igualitário por meio da Educação de Jovens e Adultos, a Lei nº 10.172, de 2001 determina a inserção da modalidade EJA na instituição Escola Nova Chance – estabelecida em algumas penitenciárias do Mato Grosso, inclusive no Ferrugem – objetivando prevenir o crime e orientar o retorno dos reeducando à sociedade.

Tal proposta nos leva a questionar quais as possibilidades de práticas pedagógicas que considerem a realidade dos alunos prisioneiros? Onofre (2007, p. 19) argumenta que para o reeducando:

[...] a frequência às atividades escolares justifica desde o desejo de aprender, de buscar passatempo, até a busca de um parecer positivo nos exames criminológicos que possibilite a sua saída da prisão. Mesmo não tendo consciência da função histórica da escola e de seu papel na construção da cidadania, seu objetivo, ao frequentá-la, é "acatar as regras da casa", visando a buscar todas as alternativas possíveis para abreviar sua estada na unidade prisional ou a conseguir benefícios e ser encaminhado para os presídios semi-abertos.

Essa realidade direciona o nosso olhar para a formação do professor que atuará com o referido público, pois de acordo com Gadotti, (2003 apud MIRANDA, 2011, p. 25), “a escola deve buscar educadores competentes nas suas ações, onde ele possa estar sempre mudando sua prática de ensino para o benefício de uma educação que venha trazer resultados positivos para população”. Desse modo, nos dispomos a conhecer as práticas pedagógicas dos profissionais da educação na escola da penitenciária da cidade de Sinop.

2.2 CONTEXTO DA ESCOLA NOVA CHANCE DO SISTEMA PENITENCIÁRIO “FERRUGEM”

A escola Nova Chance do sistema penitenciário “Ferrugem” foi criada em 2008 para atender os sujeitos aprisionados objetivando oferecer instrução, dar subsídio para boa convivência entre os detentos além de prepará-los para atuar na sociedade. Atualmente a instituição atende cerca de 200 alunos reeducando com a mesma carga horária da escola regular. Desse modo, no período matutino as aulas iniciam 8:00 horas e enceram 12:00 horas. No período vespertino as aulas iniciam as 13:30 horas e finalizam as 17:00 horas.

Haja vista que o espaço prisional “Ferrugem” projetado para abrigar 326 presidiários atualmente comporta 890 detentos demonstra estar com a dificuldade de superlotação, pois agrega 564 pessoas além da capacidade pertinente. Dentre a citada população carcerária aproximadamente 23% frequentam o espaço escolar da penitenciária.

Para atender os alunos, o presídio disponibiliza 10 salas de aulas que estão anexadas aos raios, uma sala para os professores, no qual possam guardar os materiais didáticos e um espaço onde há livros disponíveis aos educandos. Ao que se refere ao corpo docente, a Escola Nova Chance tem o tal de 8 professores e uma orientadora pedagógica. Como já citado, a modalidade de ensino ofertado pela instituição Escola Nova Chance da penitenciária da cidade de Sinop-MT, Doutor Osvaldo Florentino Leite Ferreira, *lócus* da pesquisa, é o da Educação de Jovens e Adultos.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS OBSERVAÇÕES NA PENITENCIÁRIA FERRUGEM

A ida a campo se deu após a rebelião 12 de julho de 2017 no Sistema Penitenciário Dr. Osvaldo Florentino Leite Ferreira. Durante a rebelião, houve depredações no sistema prisional por isso escola foi fechada para a reconstrução de alguns raios. Assim, os reeducando ficaram sem aula durante alguns meses.

Desse modo, as observações descritas abaixo retratam um novo cenário para as mediações pedagógicas, pois anterior a revolta dos presos, educadores e alunos mantinham contato dentro da sala aula, porém, atualmente, algumas alterações estão sendo feitas nas salas de aula como medida de segurança aos profissionais da educação. Durante o período de observação, averiguamos que as aulas estão sendo ministradas no ambiente de encontro do sistema prisional. No referido local, há bancos e mesas de concreto no qual os alunos reeducando sentam um ao lado do outro. Também, contém um banheiro para uso exclusivo dos reeducandos.

Já o educador, permanece durante toda a aula em um local denominado “brete”, que consiste em um pequeno ambiente cercado por grades que separa o professor dos alunos impedindo, assim, o contato entre ambos. Salientamos também, que o espaço citado não é climatizado, não há quadro, e nem banheiro destinado ao professor. Neste contexto, consideramos que atual ambiente de estudo pode não ser favorável para o professor desenvolver as práticas pedagógicas e para a construção do conhecimento dos reeducando.

3.1 PAPEL DO PROFESSOR/A: O OLHAR DOCENTE

Para Freire (2011, p. 47) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, assim, buscamos identificar as perspectivas dos professores da unidade prisional de Sinop, o Ferrugem, acerca das ações serem desempenhas pelo professor no contexto prisional. Nessa via, questionamos aos docentes o que eles compreendiam como sendo o papel do educador na unidade prisional:

(01) Professor 1: Repassar os conteúdos e ressocializar os alunos com a sociedade.

(02) Professor 4: Mediar conhecimento científico, confrontando ao conhecimento empírico do reeducando.

Ao refletir que “repassar os conteúdos” condiz com o papel do educador na penitenciária, o Professor 1 volve o nosso olhar para o que o teórico Paulo Freire (2006) denomina como “concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.

Nessa ótica, o professor é considerado o detentor de todo saber enquanto os alunos são tidos como quem nada sabe, necessitando, assim, serem preenchidos com o conhecimento advindo de seus mestres. Salientamos ainda que o Professor (1) entende também que os educadores prisionais possuem o ensejo de “ressocializar os alunos com a sociedade”. Porém Freire (2006, p. 68) assevera que:

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.”.

Já o Professor 4 uso o termo “mediador do conhecimento” que na visão Vygotskyana sugere que o professor ao invés transmissor de conteúdos a serem aprendidos pelos alunos assuma a função guiar o educando pelo saber. Entretanto, o referido professor argumenta que o conhecimento mediado é o “conhecimento

científico, confrontando ao conhecimento empírico do reeducando”. A despeito disso, consideramos que cada aluno preso trás consigo a sua bagagem cultural e conhecimentos adquiridos pela sua experiência de vida, por isso precisam ser respeitadas e levadas em conta na sala de aula, desse modo, Freire (2006, p. 18-19) observa que:

O aprendizado da leitura e escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos. [...] demanda a compreensão da significação profunda da palavra [...] Mais do que escrever e ler[...] os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “ escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. Daí que nessa perspectiva crítica, se faça tão importante desenvolver, nos educandos como no educador, um pensar certo sobre a realidade. E isto não se faz por meio de blábláblá mas do respeito à unidade entre teoria e prática.

Com base na afirmação do autor, averiguamos que educar requer auxiliar o sujeito aluno não somente a ler e escrever, mas no processo de reflexão e desenvolvimento da criticidade, tendo por base as experiências de vida e conhecimento de mundo por eles levado a sala de aula.

A partir das perspectivas sobre a docência na penitenciária, proposto pelos professores do presídio Ferrugem, nos questionamos quanto à materialização desse olhar e a organização dos conteúdos a serem ministrados no planejamento, haja vista que:

Planejar significa antever uma forma possível desejável. Se não há planejamento, corre-se o risco de se desperdiçarem oportunidades muitos interessante. Não dá para se dar aula improvisando, uem off e se não ficar boa regravar. Não planejar pode implicar perder possibilidades de melhores caminhos, perder pontos de entrada significativo. (VASCONCELOS, 2002 p.148).

Nesse caminho, perguntamos à orientadora pedagógica de que modo é elaborado o planejamento das práticas pedagógicas para a penitenciária Dr. Osvaldo Florentino Leite Ferreira:

(03) Orientadora Pedagógica: O planejamento é feito quinzenalmente a partir de projetos anual com temas direcionados da Escola Nova Chance de Cuiabá. O professor tem autonomia de escolher o tema relevante para sua realidade. O

trabalho dos professores é realizado através de projetos com os alunos voltados para a realidade prisional.

Porém conscientes dos possíveis dificuldades que o professor penitenciário pode enfrentar no cotidiano escolar para colocar em prática o planejamento, indagamos aos educadores quais os maiores desafios para que eles desenvolvam as suas práticas pedagógicas com os alunos presos:

(04) Professor 1: Adaptar os recursos e materiais para sala de aula.

(05) Professor 2: Perigo, insalubridade e materiais diversos.

(06) Professor 3: Uma postura diferente frente a turma, o cuidado com os materiais usados.

(07) Professor 4: Transição de materiais, falta de materiais, tudo deve ser pensado na questão da segurança e minuciosamente vistoriado.

Observamos que para o Professor 1 o maior desafio encontra-se em “Adaptar os recursos e materiais para sala de aula”. Nesse sentido, durante o período de observação visualizamos que no brete – local onde os professores ficam cercados por grades e afastados dos alunos, atividades propostas são escritas com letra cursiva em uma folha, xerocada e fixada em um papel sulfite ou papel cartão para que fiquem mais firmes. Cada aluno recebe uma folha com as atividades para copiarem e desenvolverem as atividades no caderno. O Professor 2 enfatiza que o “perigo” e a “insalubridade” são desafiantes para que o trabalho docente seja realizado.

Por meio das vozes dos entrevistados, averiguamos tais precariedades estruturais fazem parte do contexto da penitenciária Ferrugem. Para o professor 3 o ambiente educacional presidiário exige “uma postura diferente frente a turma, possivelmente motivada pela sensação de insegurança. Nessa via, Leme (2014, p. 129) reflete que “como somos informados apenas sobre as rebeliões, estar como

educador nesse local pode ser um ato de coragem diante da possível violência ali presente”.

A Professor 4 expressa que o maior desafio por ele enfrentado é que “tudo deve ser pensado na questão da segurança e minuciosamente vistoriado”. Nesse cenário Onofre (2007, p. 141) afirma que: “adentrar um presídio é saber que teremos nossa vontades e desejos reprimidos. Só avançamos quando é permitido. Só teremos acesso a espaços que não delatem os segredos da prisão.

A partir dos desafios em exercer as práticas pedagógicas em contexto prisional, averiguados por meio da fala dos professores, questionamos-lhes se a relação deles com os alunos presos também implica em limitações para o trabalho docente:

(08) Professora 1: Relação professor/aluno é bem tranquila, com muito respeito, mas sem nenhum tipo de afeto.

(09) Professora 4: Afeto não, respeito, muito respeito, tanto que se o preso agredir verbalmente um professor ele pode pagar com a vida.

Ao afirmar que a “relação professor/aluno é bem tranquila” demonstra que, em contexto educacional, “a situação dentro da prisão não é sempre tão crítica como a sociedade acredita ou o que se propaga na mídia” (NOVELLI; LOUZADA, 2012, p. 72). Desse modo, analisamos que há muitos percalços para que o exercício da docência penitenciária. Porém, na visão dos professores entrevistados, identificamos que os desafios cotidianos das práticas docentes não afligem a relação dos educadores com os alunos presos. Por isso, procuramos dar voz também aos reeducandos a fim de conhecer suas concepções acerca da EJA Escola Nova Chance.

3.2 OLHAR DOS REEDUCANDOS SOBRE A EJA PRISIONAL

Para que o questionário fosse direcionado aos reeducandos, foi necessário entrarmos em contato com a coordenadora da SEJUDH. Após os tramites legais, a então colaboradora da penitenciária Ferrugem autorizo não somente a nossa

entrada no espaço presidiário, mas também possibilitou que acompanhássemos uma das aulas. Dessa forma, a observação em uma turma correspondente ao Primeiro Seguimento (alfabetização).

Foi neste contexto que aproveitamos a oportunidade de estar entre os alunos presos e entregar o questionário para três dentre eles. Cientes que se tratava de uma turma em processo de alfabetização, cogitamos a possibilidade haver dificuldade por parte dos entrevistados em responder alguma das questões. Entretanto, recolhemos o referido instrumento de coleta de dados sem que os alunos presos necessitassem do nosso auxílio, ao qual, obtemos como resposta:

(10) Educando 1: Estudei até o 5º série.

(11) Educando 2: Até o 5º ano série.

(12) Educando 3: Até o 5º ano série.

Ao analisarmos os dados, observamos que os reeducandos participantes da pesquisa possuíam algum grau de escolaridade. Assim, perguntamos aos alunos as possíveis razões que os impediram de frequentar a escola no período dito “adequado”:

(13) Reeducando 1: Não dava valor nos estudos.

(14) Reeducando 2: Porque no tempo que estudava não tinha aula a noite para a 5ª série.

(15) Reeducando 3: Tive que parar de estudar para ajudar a família.

A resposta do Educando 1 nos direciona para o Plano Estadual de Educação em Prisões de Mato Grosso (2014) ao declarar que na EJA prisional “encontram-se os privados de liberdade, que, historicamente não tiveram acesso a educação e, se tiveram, não era prioridade para uma boa parcela deles e delas que estão, agora, em regime fechado”.

A “pobreza, a violência e a exclusão social são algumas das situações que infelizmente influenciam diretamente nos desempenhos educacionais”, assim, o Educando 2 ao expressar que não prosseguiu com os estudos porque “não tinha aula a noite para a 5ª série” sugere a ideia que possivelmente o então reeducando necessitava trabalhar no período diurno. No mesmo caminho o Educando 2 relata que parou de estudar porque “não tinha aula a noite para a 5ª” e o Educando 3 afirma que interrompeu os estudos “para ajudar a família”, fatos que nos remetem a consideração de Roque-Faria (2014, p 61) de que “os atores da EJA são diferenciados, pessoas que trazem como história a falta de oportunidade de escolarização no período da infância dada as necessidades e prioridades de sobrevivência humana, mas que retorna à escola na idade adulta”.

Desse modo, nos atentamos em analisar os possíveis motivos que impulsionaram os referidos alunos presidiários a frequentar o espaço escolar na penitenciária:

(16) Reeducando 1: Quero acabar o meus estudos, penso que esse tempo não pode ser perdido, e resolvi aproveitar um pouco ele.

(17) Reeducando 2: Para me atualizar para retornar novamente aos estudos e remir pena

(18) Reeducando 3: Para aprender mais, o tempo que estamos aqui sem fazer nada e para conseguir um emprego melhor.

Assim, o retorno à escola é justificada pelo Educando 1 por meio da fala: “penso que esse tempo não pode ser perdido”, neste contexto, Onofre, (2007, p.29) reflete que:

Existe entre os aprisionados um sentimento de tempo perdido, destruído o tirado de suas vidas, e que pode se configurar como o motivo que os leva para a escola. A volta à sala de aula oferece para muito deles a possibilidade de poder sair da cela, distrair a mente e ocupar seu tempo com coisas úteis.

Já o Educando 2 explica que a decisão de frequentar a EJA foi pela necessidade de se “atualizar”, o que parece indicar que o então aluno preso percebe que a sociedade contemporânea está em constante processo de mudança e que requer dos cidadãos melhores qualificações. Nesse sentido:

[...] o contexto da EJA requer um ensino voltado à realidade dos jovens e adultos que retornam ao espaço escolar com expectativas de um futuro que os exigem proficientes, capacitados, inseridos e desafiados a participar de um mundo globalizado. (ROQUE-FARIA, 2014, p. 67).

O Reeducando 2 prossegue afirmando ainda ter o objetivo de “remir pena” enquanto o Reeducando 3 expressa querer aproveitar “o tempo que estamos aqui sem fazer nada”. Nessa ótica Onofre (2007, p. 19) afirma que: “[...] a frequência as atividades escolares justifica desde o desejo de aprender, de buscar passar o tempo, até a busca de um parecer positivo para os exames criminológicos que possibilite a sua saída da prisão.”

Desse modo, o regresso dos jovens e adultos presidiários implica em um compromisso dos agentes educacionais com a oferta de um ensino que atenda as perspectivas dos reeducandos, como também com a ressocialização e formação cidadã do público alvo. Porém, cogitamos que nessa caminhada educacional os reeducandos podem vivenciar algumas situações que podem limitar o acesso satisfatório a educação. Por isso, questionamos aos entrevistados quais as principais dificuldades por eles enfrentadas para estudar na penitenciária:

(19) Reeducando 1: Falta de estrutura para os alunos e professores.

(20) Reeducando 2: Bom, um problema que nos deparamos é que temos certa dificuldade de aprender por não termos contato com os professores.

A resposta do Reeducando 1 reforça o que já foi abordado anteriormente quanto a aparente precariedade das salas de aula, pois o aluno preso identifica que a “Falta de estrutura para os alunos e professores” se mostra uma limitação para estudar. Averiguamos então, que apesar de a lei de Execução Penal Art. 83 estabelecer que “o estabelecimento penal, conforme sua natureza deverá contar

com suas dependências com áreas e serviços destinados a dar assistência, educação, trabalho, recreação e prática esportiva” (BRASIL, 1984), parece não haver uma preocupação governamental quanto à qualidade do então ambiente educacional ofertado dentro dos presídios. Acerca do assunto, Onofre (2007, p. 12) assevera que a “arquitetura e as rotinas a que os sentenciados são submetidos demonstram, por sua vez, um desrespeito aos direitos de qualquer ser humano e à vida”.

Por outro lado, o Reeducando 2 identifica a falta de “contato com os professores” uma problemática para aprender. Como já citado, após a rebelião na penitenciária Ferrugem do dia tal, por medidas de segurança, foi determinado que os professores ficassem dentro do brete durante toda a aula. Entretanto Onofre (2007, p. 25) considera que:

[...] é preciso desmascarar alguns mitos sobre os riscos de se lidar com a população sentenciada, pois atrás desses mitos está o ceticismo e a postura elitista de administradores dessas organizações, que, por se constituírem como donos do saber “especializado”, desqualificam qualquer proposta de mudança.

Haja vista que os professores do referido contexto educacional prisional afirmaram que os alunos presos mantinham uma relação de muito respeito com eles, buscamos observar por meio do olhar dos reeducandos, como se dava a relação professor e aluno na penitenciária Ferrugem:

(21) Reeducando 1: Sim. Ótima.

(22) Reeducando 2: Sim. Ótima Eles sempre teve uma grande compreensão com todos nós.

(23) Reeducando 3: Sim.

Os três reeducandos apresentaram respostas positivas quanto à relação professor/aluno no presídio. Nesse sentido, Onofre (2007, p. 25) identifica que o espaço escolar penitenciário “é um lugar onde vivem experiências numa situação de

interação, em que existe a possibilidade de respeito mútuo, de troca e cooperação, o que contribui para que a pena possa ser vivida de maneira mais humana”.

Supomos que ao frequentarem o espaço escolar, pode ser evocado nos reeducandos o desejo de ingressar no ensino superior para obter maior estabilidade fora do presídio. Assim, nos dirigimos aos entrevistados na intenção de identificar que o desejo prosseguir com os estudos condiz com os objetivos por eles traçados:

(24) Reeducando 1: Sim, concluir os estudos.

(25) Reeducando 2: Sim, fazer doutorado, advocacia.

(26) Reeducando 3: Sim.

A resposta do Reeducando 2 vai além das do Reeducando 1 que demonstra objetivar “concluir os estudos” e a do Reeducando 3 que apenas responde positivamente que “Sim”. Ao expressar que o anseio de “fazer doutorado, advocacia” aparenta que para alguns “a frequência na escola é uma possibilidade de ascenderem socialmente. Há referências à educação escolar como possibilidade de galgar posições sociais diferentes da que ocupavam anteriormente à prisão”. (ONOFRE, 2007, p. 22). Por isso:

Pensar a educação escolar no presídio significa [...] refletir sobre sua contribuição para a vida dos encarcerados e da sociedade em geral, por meio da aprendizagem participativa e da convivência fundamentada na valorização e no desenvolvimento do outro e de si mesmo.(ONOFRE 2007, p. 23).

Desse modo, analisamos que entre os percalços para ensinar e aprender, alguns reeducandos podem olhar para a EJA da penitenciária Ferrugem como uma possibilidade reinserção social.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa elucidou que a infra-estrutura, em específico a da Penitenciária Ferrugem, é muito precária. Ao que concerne a escola *in lócus*

analisamos que a Educação de Jovens e Adultos, da citada penitenciária, possui uma política educacional pautada nas Leis de Diretrizes da Educação Básica (LDB/9394), o que indica que a referida escola é dotada de características semelhantes as demais EJAs.

No entanto, as normas e procedimentos de segurança, estabelecidos pela penitenciária, demonstram interferir no cotidiano escolar, tornando-o, desse modo, peculiar. Nesse sentido, os educadores são revistados na entrada e somente é permitido adentrar no espaço destinado a escola após ser autorizado por um agente penitenciário.

Nesse contexto, em nossa pesquisa nas legislações penitenciárias não identificamos respaldos legais que visam à segurança dos profissionais da educação dentro do recinto prisional. Este fato pode ter relação com a fala dos professores participantes da pesquisa ao relatar o sentimento de insegurança que, na visão dos entrevistados, implica em limitações para as práticas pedagógicas no presídio em voga. Averiguamos ainda, que as barreiras para o desenvolvimento da docência em contexto prisional perpassam pela escolha do material a serem utilizados nas aulas, as condições precárias das salas de aula que não possuem lousa, banheiro para o uso dos professores e não é ventilado.

Por outro lado, analisamos na voz dos reeducandos que a EJA penitenciária é composta por sujeitos presos que não concluíram seus estudos anterior a prisão pela necessidade de auxiliar financeiramente a família, para trabalhar ou por simplesmente não priorizarem os estudos. Dessa forma, esses sujeitos encontram na escola do presídio a oportunidade de concluir os estudos, ocupar o tempo em que estão aprisionados e remir pena. Além disso, na pesquisa, os alunos presos expressaram o desejo de ingressar no Ensino Superior e, assim, obter uma estabilidade além das grades.

Para tanto, observamos por meio dos estudos teóricos que há a necessidade da educação ser vista não como uma solução para todos os percalços impostos à vida prisional, mas como um instrumento capaz de promover a dignidade, reflexão e criticidade. Nesse sentido entendemos que embora o caminho possa ser pedregoso, o educador pode ser um aliado na reabilitação dos excluídos da sociedade. Por fim, esperamos que este trabalho de conclusão de curso possa motivar, do mesmo modo que a mim motivou, aos pedagogos à dispensar um olhar humanizado aos

encarcerados e a trilhar caminhos teóricos capazes de levá-los as práticas pedagógicas que colaborem com as necessárias mudanças que agregarão em melhorias para a sociedade.

PERSPECTIVES AND CHALLENGES OF YOUNG AND ADULT EDUCATION AT THE SCHOOL “NOVA CHANCE” FROM THE PRISON SYSTEM OF SINOP

ABSTRACT²

This article aims to understand the educational context of the school Nova Chance which is attached within the Prison System of Sinop called “Ferrugem”. The methodology used was the qualitative research through interviews with the teachers, the pedagogical counselor, the pedagogical coordinator of the State Department of Justice and Human Rights and also with the prison social rehabilitating students. It sought to analyze how pedagogical teaching practices occur and also what are the biggest challenges and perspectives of prisoner students regards to education. As a theoretical contribution were used the authors Paulo Freire, Helenice, Joviano Roque Faria and Helenice Maria CammarosanoOnofre. The results point out that education offered within the Prison System “Ferrugem” has brought psychological and behavior changes, as well as promoting reflection and criticism to the social rehabilitating students.

Keywords: Education. Prison System. Young and Adult Education. Social RehabilitatingStudents.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LDB/Lei Das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.** Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 mar. 2017.

² Artigo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora Interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop/MT. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/ Sinop.

_____. **Lei de Execução Penal.** Dispõe sobre a Lei de Execução Penal Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 05 mar. 2017.

CAMARGO, Maria Aparecida Santana; D'OLIVEIRA, Marcele Camargo; D'OLIVEIRA, Mariane Camargo. **A Mdiatização no Direito Penal: uma conjuntura pragmática sensacionalista.** Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

EDUCANDO 1. **Educando 1:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

EDUCANDO 2. **Educando 2:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

EDUCANDO 3. **Educando 3:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

FREITAS, Edineia Duarte da Silva; ROQUE-FARIA, Helenice Joviano. **Tecnologia de Informação e o ensino de Língua Portuguesa na EJA.** In: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/6170098/helenice-joviano-roque-de-faria>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEME, José Antonio Gonsalves. A cela de aula. Tirando a pena com letra. In: ONOFRE, Helenice Maria Cammarosano (Org.). **A educação escolar entre as grades.** São Carlos: EduFSCar, 2007.

MIRANDA, de Cátia. **O Processo de Aprendizagem e a Prática de Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: <www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T206992.pdf>. Acesso em: 06 set. 2016.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo.** Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 06 set. 2016.

MATO GROSSO. **Plano Estadual de Educação em Prisões**. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/Documents/Eventos/PEEPM/PEEP_MT_2014.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

NOVELLI, Juliana; LOUZANA, Shênia Soraya Soares. **O trabalho do professor dentro das penitenciárias**. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/trajetoria_multicursos/julho_2012/pdf/o_trabalho_do_professor_dentro_das_penitenciarias.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.

ONOFRE, Helenice Maria Cammarosano (Org.). **A educação escolar entre as grades**. São Carlos: EduFSCar, 2007.

ORIENTADORA PEDAGÓGICA. **Orientadora Pedagógica**: depoimento [maio. 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSORA 1. **Professora 1**: depoimento. [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSORA 4. **Professora 4**: depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSOR 1. **Professor 1**: depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSOR 2. **Professor 2**: depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSOR 3. **Professor 3**: depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSOR 4. **Professor 4**: depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

PROFESSOR 5. **Professor 5:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

REEDUCANDO 1. **Reeducando 1:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

REEDUCANDO 2. **Reeducando 2:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

REEDUCANDO 3. **Reeducando 3:** depoimento [maio 2017]. Entrevistadora: Elaine Marcilio. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AS PERSPECTIVAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL DE SINOP.

ROQUE-FARIA, Helenice Joviano. **(Des) encontros na formação docente na/para a EJA:** reflexões sobre o curso de Letras, o PIBID e o Projeto Sala de Educador. Cáceres/MT: UNEMAT, 2014.

SANTOS, Silvio dos. A educação escolar na prisão sob a ótica dos detentos. In: ONOFRE, Helenice Maria Cammarosano (Org.). **A educação escolar entre as grades.** São Carlos: EduFSCar, 2007.

VASCONCELOS, C. **Planejamento; projeto de ensino e projeto político metodológicos para elaboração.** São Paulo: Libbertad editora, 2002.

Correspondência:

Elaine Marcilio. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: elaine_marcilio@hotmail.com

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.